

UMA PÁGINA DE CADA VEZ: BREVE LEITURA DE UM BRASIL QUE POUCO LÊ LIVROS

Carlos De Nicola¹, Genésio Manoel², Max Santos³

RESUMO

O presente artigo pretende levantar o debate em torno da formação leitora e sua relação com o hábito de leitura de livros no Brasil. Para isso, avaliamos pesquisas nacionais e internacionais sobre o assunto, além de estudar o projeto *Lê no Ninho*, o qual suscita a vivência da leitura para crianças entre seis meses e quatro anos de idade.

Palavras-chave: Hábito de Leitura. Formação Leitora. Livros. Infância.

ABSTRACT

The present article intends to raise the debate around the reading formation and its relationship with the habit of reading books in Brazil. For this, we evaluated national and international research on the subject, in addition to studying the project *Lê no Ninho*, which raises the experience of reading for children between six months and four years of age.

Keywords: Reading Habits. Reading Training. Books. Childhood.

-
- 1 Carlos De Nicola é escritor, com publicações em jornais e revistas literárias do Brasil e de Portugal. Seu último projeto é a série de fanzines sobre Copa do Mundo, direito à cidade, vida universitária e bairros de São Paulo. Realizou especialização em Gestão Cultural pelo Centro de Pesquisa e Formação Sesc do Sesc São Paulo. E-mail: carlosnicola@gmail.com.
 - 2 Genésio Manoel é ator e trabalha como gestor cultural em equipamentos públicos da cidade de São Paulo. Realizou especialização em Gestão Cultural pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo e pós-graduação em Gestão Cultural pelo Senac-SP. E-mail: genesiom1980@gmail.com.
 - 3 Max Santos é jornalista e atua como gestor de eventos da editora Companhia das Letras. Possui especialização em Gestão Cultural pelo Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo e Imagem e Som pelo Senac-SP. E-mail: mrbsmax@gmail.com.

Introdução

O artigo a seguir é fruto do projeto de pesquisa realizado no curso de gestão cultural do Centro de Pesquisa e Formação do Serviço Social do Comércio de São Paulo (CPF-Sesc/SP) durante o ano letivo de 2018/2019. Após uma aula com José Castilho — um dos responsáveis pelas maiores iniciativas do Estado brasileiro para a formação leitora, o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL) e a nova Política Nacional de Leitura e Escrita, (PNLE) — saltou-nos aos olhos o fato de que, apesar de o Brasil ser um país relativamente alfabetizado, ele possui uma de suas maiores desigualdades no quesito de leitura e acesso a livros. São baixos os índices destes indicadores, possivelmente por conta de um legado colonialista e escravocrata somado à descontinuidade de políticas públicas. O contato com o livro resume, então, no País, distância para com a população e caráter de privilégio.

Nossa proposta é realizar uma observação sucinta diante dessas inquietações sobre a questão da leitura no Brasil. Buscamos apresentar caminhos para gestores culturais pensarem a implantação de ações ou políticas de promoção de leitura. Naquela época utilizamos as pesquisas até então disponíveis, realizadas por institutos brasileiros, uma delas internacional, além do estudo de caso do projeto Lê no Ninho.

Passados mais de dois anos, no contexto da pandemia de Covid-19, uma nova tendência poderá ser observada no tocante ao hábito de leitura. A combinação do comportamento forçado em relação à manutenção das pessoas em suas residências, ou movendo-se o menos possível nas cidades, de as pessoas ficarem em casa, somado a um possível aumento do tempo livre e eventual crescimento do consumo/aquisição de livros por meios digitais e o processo educacional domiciliar das crianças e jovens, tudo isso sugere a necessidade de um novo olhar para o hábito e a prática de leitura no Brasil. Enquanto aguardamos novas pesquisas, convidamos todas e todos para refletirem sobre a realidade de um Brasil que pouco lê livros.

Lendo números

Em todo trabalho de pesquisa e avaliação que envolve a formação cultural, números são importantes para projetar um novo cenário. Por isso, selecionamos as pesquisas nacionais mais relevantes sobre hábitos de leitura. Elas nos servem para traçarmos um retrato da população brasileira, além de um panorama das escolas, onde conceitos como *letramento* e *alfabetismo funcional* proporcionam um recorte mais específico ao analisar alunos e alunas. Apresentamos aqui, também, uma recente pesquisa que

analisa hábitos culturais, incluindo livro e leitura, em São Paulo, a cidade mais rica do Brasil.

Também tivemos acesso a uma pesquisa internacional que debate a importância de se introduzir a leitura em voz alta para a formação do hábito de leitura nas crianças, inclusive ainda na barriga da mãe. A avaliação dessa pesquisa é muito importante e alicerça o estudo de caso do projeto Lê no Ninho, que iremos detalhar de forma mais ampla. Buscamos pesquisas nacionais que abordam este tipo de estudo de modo a fazermos um paralelo entre os cenários brasileiro e norte-americano, mas não foi possível encontrá-las.

A *Retratos da Leitura*, pesquisa que faz este levantamento desde 2001, é realizada por iniciativa do Instituto Pró-Livro, criado e mantido pelas entidades do livro — Associação Brasileira de Editores de Livros Escolares (Abrelivros), Câmara Brasileira do Livro (CBL) e Sindicato Nacional dos Editores de Livro (SNEL), desde 2007. Possui como principal objetivo o fomento à leitura e a difusão e acesso ao livro e busca avaliar e orientar políticas públicas do livro e da leitura, promover a reflexão e estudos sobre os hábitos de leitura do brasileiro. O levantamento é executado pelo Ibope Inteligência, com técnica quantitativa, como uma amostragem de 5.012 entrevistas, realizadas de forma pessoal face a face, domiciliar, com utilização de questionário, entre 2014 e 2015.

Essa pesquisa é iniciativa de entidades de classe do mercado editorial. A ausência de uma pesquisa deste porte sem o apoio direto do Estado brasileiro, em nossa opinião, demonstra um descuido com o segmento. Outrossim, caso houvesse uma pesquisa elaborada por instituições públicas, levando em consideração variáveis direcionadas à formação de leitores, poderia ser possível uma leitura mais ampla e não direcionada apenas ao consumo de livros. Vamos acompanhar alguns números específicos deste material.

Vale destacar duas importantes definições apresentadas pela pesquisa *Retratos da Leitura* que são os termos “leitor” e “não leitor”. No primeiro caso, leitor é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses. Já o não leitor, é aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos três meses, mesmo que tenha lido nos últimos doze meses (IPL, 2015). Com estas definições, e levando em consideração a amostragem da população estudada, de cerca 188 milhões de brasileiros com 5 anos ou mais, 56%, ou seja, 104,7 milhões de brasileiros são considerados leitores. Enquanto 44%, cerca de 83,3 milhões são não leitores.

No gráfico abaixo, podemos perceber que as mulheres são mais leitoras que os homens, mesmo com um significativo salto positivo de oito pontos percentuais entre os homens em relação ao levantamento realizado em

2011. Essa informação é muito importante para a avaliação dos problemas do hábito de leitura e, como iremos ver mais adiante, acerca do importante papel da figura da mãe, ou a responsável pela criação, como principal incentivador da leitura.

Perfil do leitor e não leitor – Gênero e idade

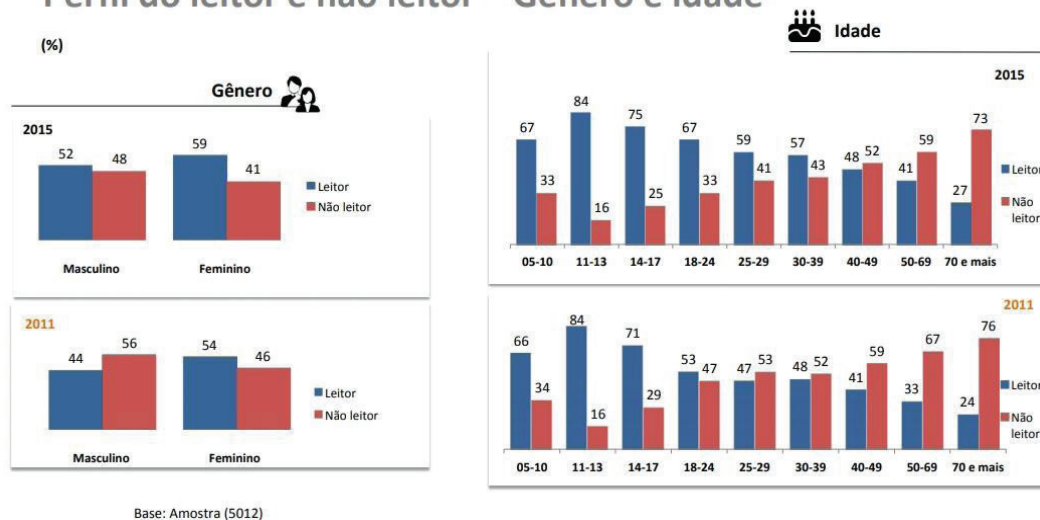


Gráfico 1. Perfil do leitor e não leitor – Gênero e idade. Fonte: IPL, 2015, p. 56.

Já no gráfico abaixo, percebemos um significativo aumento da base de leitores no Ensino Fundamental I e II em relação ao levantamento de 2011, o que aponta uma melhora, mas se apresenta também um número alto de não leitores no Ensino Médio. Por sua vez, o Ensino Superior apresenta uma subida de três pontos percentuais, com a marca de 93% de leitores além de um índice surpreendente de 7% não leitores, numa fase educacional que se espera uma utilização corrente da leitura.

Perfil do leitor e não leitor – Nível de ensino

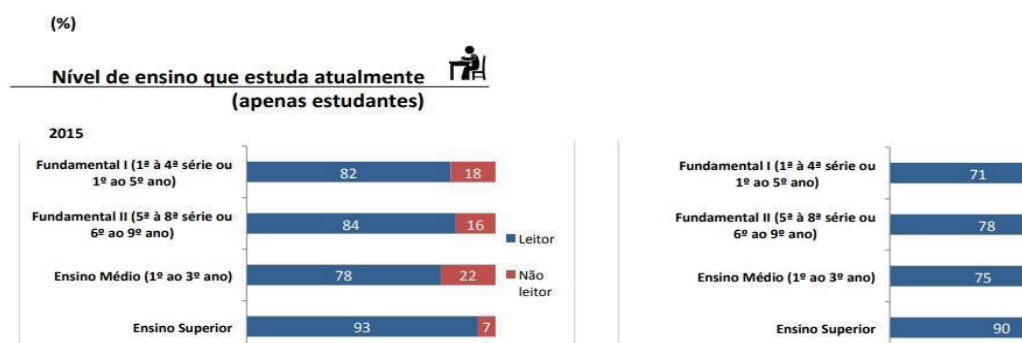


Gráfico 2. Perfil do leitor e não leitor – Nível de ensino. Fonte: IPL, 2015, p. 57.

Ademais, a classe social e a renda familiar confirmam que um maior hábito de leitura está diretamente relacionado ao poder aquisitivo da população, como se apresenta no gráfico abaixo.

Perfil do leitor e não leitor – Classe e renda familiar

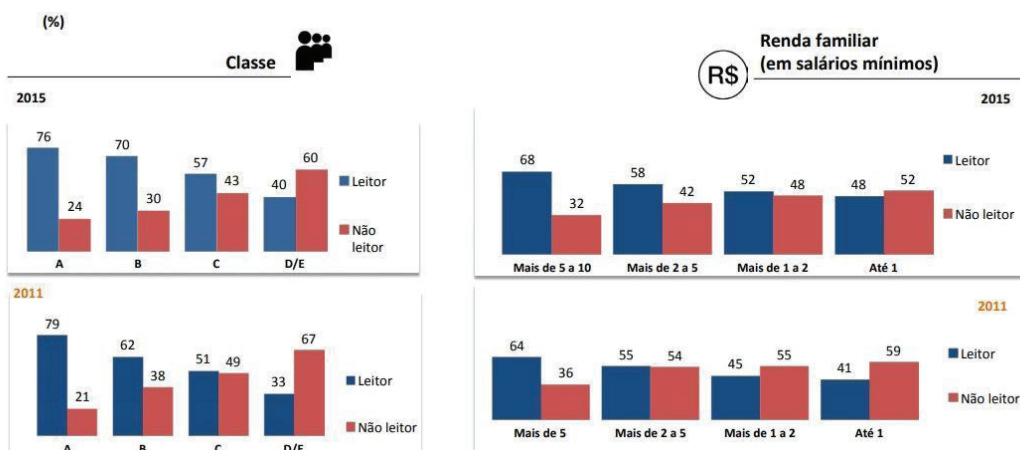


Gráfico 3. Perfil do leitor e não leitor – Classe e renda familiar. Fonte: IPL, 2015, p. 58.

Seguimos, na *Retratos da Leitura*, com um recorte da pesquisa sobre questões motivacionais, além da influência na construção do hábito e do gosto pelos livros e pela leitura. Estes números serão interessantes quando comparados com o material da pesquisa norte-americana *Kids e Family* que iremos destacar mais adiante, bem como os exemplos apontados pelo nosso estudo de caso.

Apresentamos um quadro que faz a pergunta mais básica: Gosta de ler? Este tópico é importante pois aponta se o indivíduo teve acesso a uma base adequada na formação da leitura, pois, como já foi mencionado, a leitura é sobretudo um hábito.

Estes números são alarmantes e apontam para o cenário de um país que pouco lê livros. No caso, 66% dos entrevistados gostam pouco ou não gostam de ler. Entendemos que o acesso aos livros é uma questão importante, mas conforme percebemos que cerca de 124 milhões de brasileiros não gostam de ler, precisamos ficar atentos e apontar a formação leitora como ponto principal para a mudança desta situação.

Gosto pela leitura – Gosta de ler?

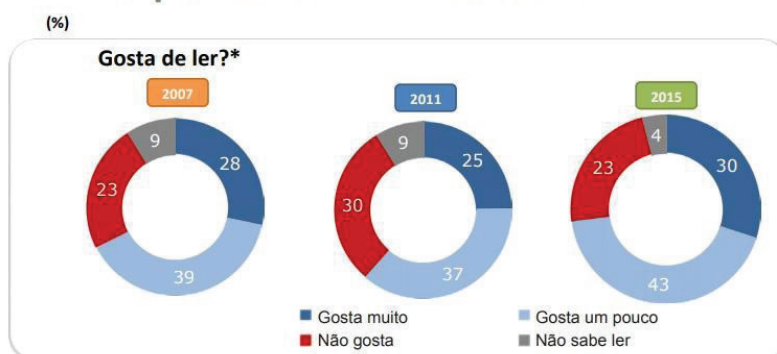


Gráfico 4. Gosto pela leitura – Gosta de ler?. Fonte: IPL, 2015, p.72.

Quando os entrevistados eram perguntados sobre qual é a maior razão para se ler, o resultado aponta que “Gosto” e “Exigência escolar” são mais citados pelas crianças e jovens entre 5 e 13 anos, enquanto “Motivos religiosos” e “Crescimento pessoal” são mais mencionados pelos adultos. A pesquisa não contabiliza crianças abaixo de 5 anos, o que dificulta uma análise mais detalhada sobre a formação leitora na primeira infância. A figura da mãe é muito importante para incentivar o gosto pela leitura se a compararmos com o pai ou outro parente, como já destacamos anteriormente. Contudo, um dado que chama bastante atenção é o índice que aponta que 67% dos entrevistados afirmam que não tiveram influência de ninguém em especial. Em nossa visão, isso está diretamente relacionado às classes sociais mais baixas.

Desse modo, reforça-se a importância de priorizar a formação do hábito na elaboração das políticas públicas do livro e da leitura. Sabemos que, num país com uma desigualdade social enorme, os recursos financeiros nem sempre chegam a quem mais precisa. Temos certeza de que a formação leitora, associada a outros programas sociais, fará mudar este cenário. No próximo gráfico, podemos constatar a forte influência dos pais na formação do hábito de leitura nos filhos. Isso se dá conforme a percepção de vivenciar os pais lendo em casa.

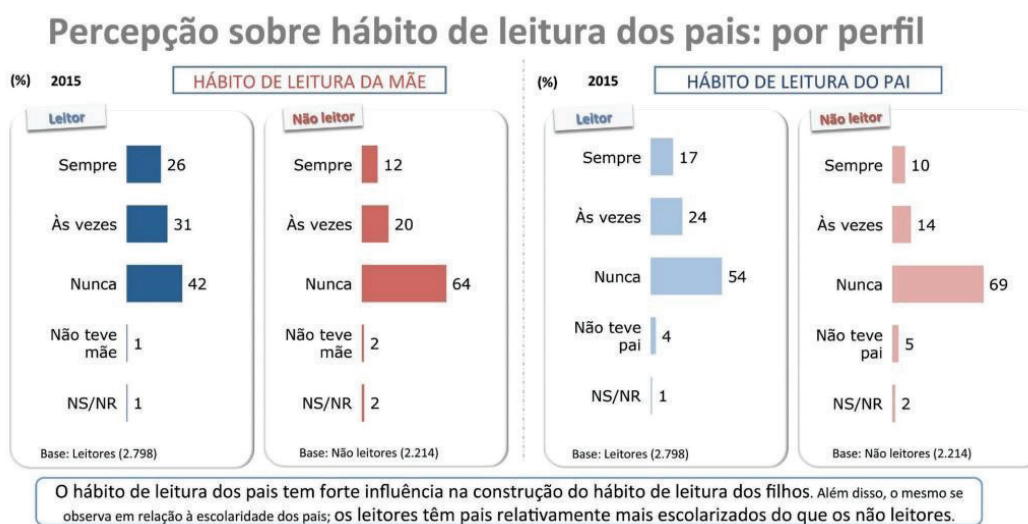


Gráfico 5. Percepção sobre hábito de leitura dos pais: por perfil. Fonte: IPL, 2015

Interessante perceber uma pergunta feita nesta edição da pesquisa: Você gostaria de ter lido mais? 77% afirmaram que sim (IPL, 2015, p. 35). Existe, então, uma consciência acerca dos benefícios do hábito da leitura. Todavia, é bem curioso constatar os tópicos apontados como principais empecilhos: falta tempo, outras atividades, sem paciência para ler, cansado

para ler, não gosta de ler e dificuldades para ler. Eles representam 77% dos motivos por que não se leu mais. Esses fatores podem estar diretamente relacionados às falhas na formação e criação do hábito. Entre os não leitores, podemos observar semelhanças entre os empecilhos apontados pelos leitores: 60% dizem que não há tempo ou não gostam de ler (IPL, 2015, p. 36).

Quando perguntados sobre lugares em que costumam ler livros, os resultados apontaram uma forte predileção pela residência e sala de aula, mas vale destacar o crescimento significativo na indicação de bibliotecas (ibidem, p. 32). Esse crescimento aponta para outros caminhos para a consolidação de um novo momento de leitores no país, principalmente com o surgimento das bibliotecas comunitárias, que, em sua maioria, localizam-se nas periferias e apontam para uma transformação social mais profunda. É justamente o caso da Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura, uma iniciativa interessante que surgiu na periferia paulistana, no bairro de Colônia Paulista, em Parelheiros, extremo Sul da cidade de São Paulo, que promove o acesso à leitura em ações que incentivam a formação crítica de leitores jovens e adultos.

As bibliotecas públicas foram reconhecidas por 55% dos respondentes, quando perguntados sobre a existência delas na cidade ou no bairro, enquanto as bibliotecas comunitárias ou de iniciativa da sociedade civil representaram 13%. Esta pergunta só entrou no questionário na última edição da pesquisa, em 2015.

Houve iniciativas marcantes em nossa história em São Paulo quanto a bibliotecas diferentes do padrão que se toma enquanto estabelecido. Nos anos 1930, o Ônibus Biblioteca de São Paulo, de Mário de Andrade, e as Escolas Parque, de Anísio Teixeira, obtiveram notoriedade. Recentemente, o projeto das Bibliotecas Parque Estadual do Rio de Janeiro também representou um caminho para mudar este cenário. Houve descontinuidade, ou seja, foram políticas do governo da vez, e não de Estado.

Essa seleção da pesquisa *Retratos da Leitura* serve para avaliarmos ferramentas para pensar-se soluções da Gestão Cultural do Livro e Leitura. Os números identificam uma equação na formação e construção do hábito de ler, somada a aspectos educacionais, econômicos e da iniciativa da sociedade civil para o acesso ao livro.

Apesar do aumento do número de leitores no Brasil, atualmente 56%, ante 50% na edição anterior, a proporção está longe do satisfatório para uma nação que está entre as dez potências econômicas mundiais — e, ao mesmo tempo, apresenta enormes desigualdades sociais, educacionais e culturais que demandam mudanças igualmente enormes.

Acreditamos que se pode diminuir o hiato entre as pessoas que reconhecem que poderiam ler mais e aquelas que encontram obstáculos comuns de quem não absorve a leitura como fonte de crescimento pessoal e principalmente como entretenimento. Como disse o imortal da Academia Brasileira de Letras José Mindlin: “Não basta alfabetizar, é preciso ensinar a ler”.

Indicador de alfabetismo funcional

Um mérito da pesquisa do Instituto Paulo Montenegro, em parceria com Ação Educativa (LIMA; CATELLI JR., 2018) é apresentar indicadores do alfabetismo funcional, um conceito mais robusto entre a tradicional polarização alfabetização versus não alfabetização. No alfabetismo funcional, avalia-se, entre outros fatores, a capacidade de interpretação e leitura de textos. Os resultados brasileiros são alarmantes, principalmente no tocante às crianças no Ensino Fundamental, e Médio, ou seja, exatamente a partir do momento em que as crianças começam a aprender a ler e escrever, o que pode estar relacionado diretamente à falta de formação leitora por hábito familiar.

“Para o Inaf, alfabetismo é a capacidade de compreender e utilizar a informação escrita e refletir sobre ela, um contínuo que abrange desde o simples reconhecimento de elementos da linguagem escrita e números até operações cognitivas mais complexas” (ibidem, p 4), operações essas que envolvem a integração de informações textuais com conhecimento e visão de mundo do leitor. Dentro deste campo, distinguem-se dois domínios: *letramento* e *numeramento*.

Para nosso objetivo neste trabalho, vamos focar no conceito de letramento, que segundo a pesquisa, é a “capacidade de processamento de informações verbais, que envolvem uma série de conexões lógicas e narrativas” (ibidem). A capacidade de compreensão do texto falado, vivenciada e valorizada como uma experiência positiva de leitura em voz alta, poderia ajudar na formação de leitores em favor do texto escrito e da leitura.

Outro conceito importante apresentado pelo relatório do Inaf é o de analfabeto funcional. Na edição de 2018 da pesquisa, apurou-se que cerca de três em cada dez brasileiros possuem muita dificuldade para fazer uso da leitura e da escrita em situações da vida cotidiana, como reconhecer informações em um cartaz ou folheto (ibidem, p. 8). Apenas sete entre dez brasileiros e brasileiras entre 15 e 64 anos podem ser considerados funcionalmente alfabetizados conforme a metodologia utilizada pela estimativa de 2018.

A relação analfabetismo e escolaridade está presente na etapa da vida em que a maioria da população acessa o livro e a leitura. Como era de esperar, quanto maior é o nível escolar dos avaliados nesta pesquisa, maiores são os níveis alcançados na escala Inaf. Apesar de esse índice ser relativamente positivo, pode-se observar que essa relação não ocorre de maneira absoluta ou linear. Muitos alunos e alunas que chegam até o Ensino Médio e Superior possuem dificuldades para alcançar os níveis mais altos da escala de alfabetismo.

Outro dado de destaque é que apenas um terço das pessoas que atingem o nível superior podem ser consideradas proficientes. No mais alto nível do ciclo de formação estudantil, três de cada dez alunos ou alunas não sabem, por exemplo, elaborar textos de maior complexidade com base em elementos de um contexto dado ou opinar sobre o posicionamento ou estilo do autor do texto (LIMA; CATELLI JR., 2018, p, 11). Há outros aspectos destacados pela pesquisa:

- Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, mais de dois terços dos alunos permanecem na condição de analfabetismo funcional, sendo que 54% alcançam o nível Rudimentar. Aproximadamente uma em cada três pessoas desse nível de escolaridade pode ser considerada funcionalmente alfabetizada;

- Quase metade (45%) dos indivíduos que ingressaram ou concluíram os anos finais do Ensino Fundamental atingem o nível Elementar da escala;

- Apenas 45% dos entrevistados que chegaram ao Ensino Médio situam-se nos dois níveis mais altos das escalas de Alfabetismo do Inaf, mostrando que o fato de terem frequentado escola não assegura que possuam suficientes habilidades para fazer uso da leitura e da escrita em diferentes contextos da vida cotidiana (ibidem).

Até aqui as experiências e números apresentados explicitam que a formação é oriunda do hábito. Numa sociedade com alto nível de desigualdade social, esta questão pode ficar em segundo plano. Contudo, o estímulo só vai resultar se a leitura for entendida e assimilada além das questões educacionais ordinárias.

Lê em São Paulo

Os mais recentes números sobre os hábitos culturais na cidade de São Paulo foram apresentados pela pesquisa *Viver em São Paulo: Cultura na Cidade*. Ela foi realizada entre os dias 6 e 21 de dezembro de 2018, com

uma amostragem de 800 entrevistados, de 16 anos ou mais, pela Rede Nossa São Paulo. Os números confirmam o que temos constatado: quanto maior o grau de instrução e renda, maior o número de leitores em relação aos não leitores.

Apenas 3% dos entrevistados culpam o preço do livro como um impeditivo, 1% afirma não ter dinheiro para comprar um livro e outros 2% dizem que a falta de uma biblioteca por perto é o grande problema. Os grandes vilões apontados pelos entrevistados são: Não gostar de ler/não ter hábito de ler (34%), e falta de tempo (32%). Além disso, 9% das pessoas contaram que não têm paciência para ler, o que também indica de alguma forma a falta de hábito de leitura (REDE, 2019, p. 52). Juntos, esses três motivos somam 75% dentro dos entrevistados.

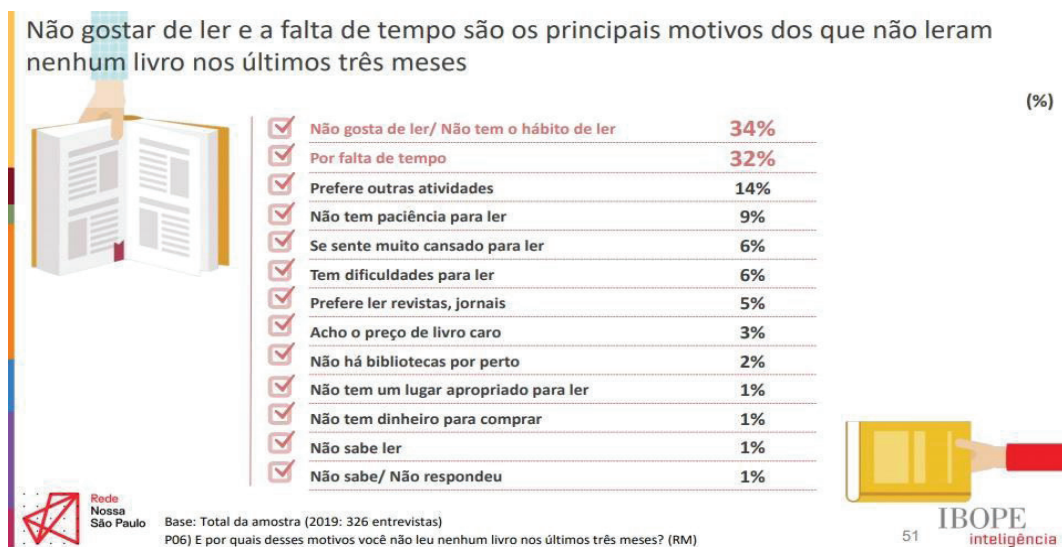


Gráfico 6. Não gostar de ler... Fonte: Rede Nossa São Paulo, 2019, p. 51.

Mas, o que chama a atenção é que estamos falando da cidade mais rica do país, onde se espera índices de mais qualidade em relação ao hábito de leitura. O levantamento aponta em suas conclusões, o seguinte:

... tendo como base os principais motivos para não lerem é evidente o desafio de despertar uma mudança cultural na relação do paulistano com a leitura. Além dos equipamentos de educação e do apoio familiar, bibliotecas públicas e comunitárias podem ter papel relevante nesse processo. (Ibidem, p. 54.)

Lê em família

A pesquisa *Kids & Family Reading Report: The Rise of Read-Aloud* (2019), encomendada pela editora norte-americana Scholastic Education, especializada em livros infantojuvenis e responsável por publicar séries

como Harry Potter e Capitão Cueca, é realizada pela YouGov, empresa internacional de pesquisas de opinião, sediada no Reino Unido, cujos estudos se baseiam em entrevistas feitas pela internet.

O levantamento começou a ser feito a partir de 2014, mesmo ano em que a Academia Estadunidense de Pediatria publicou um guia encorajando os pais a lerem para seus filhos desde do nascimento, afirmando que esta atitude prepara melhor o cérebro dos bebês para a linguagem e habilidades de leitura e escrita.

Feita por amostragem e levando em consideração aspectos socioculturais, idade e escolaridade dos pais norte-americanos, a última pesquisa mostra que vem aumentando o número de pais que fazem leitura em voz alta para seus filhos. A pesquisa foi realizada entre setembro e outubro de 2018, exclusivamente com formulários online, com uma amostragem de 2.758 pessoas, incluindo pais e filhos.

Em 2014, 30% dos pais lia em voz alta para bebês com menos de 3 meses de idade. No levantamento de 2016 o número subiu para 40%, e em 2018, chegou em 43%. A evolução da porcentagem dos pais que se dedicam a ler para seus filhos aumenta significativamente na faixa etária de 3 a 12 meses de vida, onde os números mostram que, em 2018, 77% confirmam que cultivam o hábito de leitura em voz alta para seus filhos (SCHOLASTIC, 2019, p. 4).

Um ponto curioso é que a partir do momento que as crianças aprendem a ler, o hábito de leitura em voz alta por parte dos pais começa a cair drasticamente, ano após ano, de acordo com o avanço escolar das crianças. É exatamente neste momento que em alguns segmentos capturados pela pesquisa, principalmente famílias de maior poder aquisitivo, a experiência de ler em voz alta deixa de ser dos pais, e passa a ter como protagonista as crianças, em sua maioria, após os seis anos de idade.

O estudo chama a atenção para este fenômeno de parceria interativa entre pais e filhos em torno do hábito de leitura e exemplifica como normalmente funciona o esquema nesta nova fase: a criança escolhe o livro, pais e filhos fazem perguntas entre si, folheiam o livro e iniciam a leitura sempre utilizando recursos de expressão facial e efeitos sonoros (ibidem, p. 5).

Num paralelo inicial destes números com os resultados da pesquisa do Instituto Pró-Livro, este tipo de ação de leitura em voz alta está ligado diretamente com aquele tópico que aponta para familiares, em especial mães ou responsáveis do sexo feminino, como as maiores influenciadoras para estabelecer o hábito de leituras em crianças e jovens. Ademais, também podemos observar que, conforme aponta a referida pesquisa brasileira,

quanto mais alta a renda familiar e escolaridade dos pais ou responsáveis, maior o hábito de leitura entre os membros da família.

Em sua maioria, todos os levantamentos que aferem a questão de livro e leitura são iniciativas de instituições privadas e ou da sociedade civil, o que aponta uma total negligência do Estado em enfrentar o problema na base, em entender de que forma as políticas públicas precisam ser direcionadas.

Leituras possíveis

Começamos este texto falando da aula do professor José Castilho sobre o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL) e a nova Política Nacional de Leitura e Escrita, (PNLE), aprovados como lei em julho de 2018. Essas leis são marcos importantes em nossa história. Recentemente conformaram-se em políticas de Estado, mas ainda carecem de reconhecimento e aval dos governantes e de regulamentação e execução em seus respectivos planos de governo. No PNLL e PNLE, a questão da formação é apontada como primordial, mas ainda não existe.

Pensando em ações, programas e instituições para a formação de público leitor, podemos destacar o papel das bibliotecas públicas e comunitárias. Locais comumente vistos apenas como espaços do silêncio e repositórios do saber, as bibliotecas estão reestruturando seus serviços e sua atuação. Desse modo, apresentam a leitura ao público como uma atividade acessível, democrática e instigante. Faz-se isso por meio de acervo atualizado e programação cultural que conta com o livro como um repertório possível, em que o público leitor e não leitor faz contato com possibilidades estéticas e artísticas além da leitura tradicional.

Durante o 5º módulo do Curso de Gestão Cultural do Sesc, voltado à mediação cultural, foi-nos possibilitada a presença de dois representantes desses espaços culturais. Bel Santos Mayer, Coordenadora de Projetos do Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário Queiroz Filho (IBEAC), gestora da Rede de Leitura LiteraSampa e da Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura, ligada a bibliotecas comunitárias. Além dela, esteve presente Pierre André Ruprecht, diretor-executivo da SP Leituras – Associação Paulista de Bibliotecas e Leitura, Organização Social que gere a Biblioteca Parque Villa-Lobos e Biblioteca de São Paulo, além de coordenar o Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo (SisEB).

Pierre André Ruprecht destacou em sua fala que as bibliotecas públicas contemporâneas estabelecem uma mudança de perspectiva primordial para a adesão de novos públicos: o foco no acervo para as pessoas

e de difusão para conexões, promovendo acesso, discussão e criação, em território de construção autônoma do conhecimento. Bel Santos destacou, neste encontro, a importância de se trabalhar a mediação com o leitor e não leitor, na leitura compartilhada, estabelecendo espaços de leitura em locais em que o conhecimento se faz necessário pela escassez de recurso públicos, além da importância do trabalho em rede e parcerias.

A apresentação desses dois convidados trouxe pontos importantes que podemos destacar para que uma biblioteca, seja ela pública ou comunitária, possa contribuir para a formação leitora. Um deles é esse espaço se oferecer como aconchegante e atrativo, com um acervo voltado à literatura, atualizado, e que faça sentido junto à construção crítica do conhecimento. Além disso, este espaço de biblioteca deve trabalhar o conteúdo livro em suas atividades nas mais variadas formas, oferecendo uma programação cultural que lide com seu público como protagonista, com ações que dialoguem com a comunidade local, promovendo conexões com seu entorno e trabalhando todas as faixas etárias.

Tanto Bel Santos como Pierre nos trouxeram em seus depoimentos uma paixão pela leitura que entendemos como primordial para que projetos ligados a seu fomento obtenham êxito. Precisamos de gestores engajados e que entendam a leitura como um meio de transformação social a serviço da cidadania. Localizada no bairro de Parelheiros, na Zona Sul de São Paulo, a Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura promove parcerias com a comunidade local em termos de acesso à leitura e cultura por meio de ações como saraus, clube de leitura, cortejo e rodas temáticas.

O Centro de Excelência em Primeira Infância em São Paulo faz parte dessas ações e, em parceria com a comunidade local, promove leitura, cultura e saúde na região com as mães mobilizadas, transformando a vida das famílias e crianças da comunidade desde a primeira infância.

É esse tipo de iniciativas que desenvolve o projeto que explanamos a seguir. É importante perceber que a formação de base leitora está ligada a projetos, instituições e gestores que entendem a literatura como algo que tem que ser difundido desde os primeiros anos de vida da criança em prol da construção de um país leitor.

Diante deste cenário e dos caminhos apontados pelas pesquisas, vamos apresentar o nosso estudo de caso, o projeto Lê no Ninho, um dos inúmeros projetos elaborados pela sociedade civil visando fomentar o hábito de leitura. Essa iniciativa vai ao encontro do Brasil que pouco lê livros.

Lê no ninho

Do sexto mês de gestação em diante, o feto processa sons linguísticos da mãe e toda essa sonoridade passa a permear seu entorno, como sons oriundos do pai e familiares. “Por volta do último trimestre de vida intrauterina, o bebê responde, com seu estilo, à estimulação visual, auditiva, sinestésica e, concretamente na esfera da linguagem, percebe as propriedades rítmicas da fala da mãe” (REYES, 2010, p. 29).

Após o nascimento, as cantigas de ninar como “Nana nenê”, entre tantas outras que fazem parte da cultura popular, passam a ser a primeiras construções literárias. Carregadas de sonoridade e poesia, esse afago materno começa a se configurar oralmente em primeiras estórias estabelecidas por meio da troca, em contato com o outro, com a mediadora.

A primeira infância é um dos momentos mais propícios à inserção da criança na leitura e em seus significados. Uma série de estudos lançados nas últimas décadas dão conta dessa realidade, inclusive o supracitado *Kids & Family*. As crianças, desde a tenra infância, são construtoras e narradoras de histórias e personagens. Não à toa, transformam galhos em cavalos, lençóis em barracas, areia em castelos, plantas em bonecos etc. Embora não possuam o domínio da grafia, da decodificação dos sinais e sua simbologia, uma criança, nos primeiros anos de vida, possui cérebro e meios cognitivos para processar informações de maneira vertiginosa. Informações essas ainda não organizadas pela linguagem e pela lógica, o que pode resultar em efeitos positivos se essa criança for exposta a estímulos e referências. Seus olhos e mente estão abertos ao novo, ao descobrimento, à originalidade da vida que desperta a construção do imaginário.

Nessa etapa da vida, de acordo com Reyes (2010, p. 40), as canções de berço simbolizam o repertório cênico do imaginário infantil:

A poesia, essa primeira experiência literária ancorada na sonoridade da palavra, em seus poderes conotativos e sugestivos, transporta emoções na torrente da voz que já está presente nos primeiros passos pelo mundo da representação. Se, como garante Evelio Cabrejo, não há nenhuma língua em que poesia não esteja presente, o bebê ingressa na língua materna por essa via: sonora, emotiva, poética. Embora não caminhe, nosso leitor já conta com uma bagagem básica para encarar a aventura interpretativa que constitui a essência de toda leitura. Seus primeiros textos são a voz e o rosto humano, onde ele aprende a base verbal e não verbal da interação social sobre o qual construirá paulatinamente uma infinidade de leituras.

Por volta do primeiro aniversário, a capacidade de se locomover da criança transforma a relação com o seu entorno. Suas primeiras palavras modificam a possibilidade de descobrir o mundo. No caminho das proposições de leitura, o mediador tem papel fundamental nesse rumo, pois é essa figura que orienta e coloca à disposição os primeiros conteúdos.

Dentro disso é importante salientar o papel relevante que a mãe acaba por assumir. A pesquisa *Retratos da Leitura*, realizada pelo Instituto Pró-Livro, aponta a figura materna como a grande referência da criança na construção do gosto pela leitura. Relação que se estabelece desde o ventre materno quando o nenê chuta a barriga e cria-se um código de comunicação. Todavia, como garantir que pessoas que não foram estimuladas a ler passem a fomentar esse desejo nas crianças?

A falta de referências pode desestimular o gosto pela leitura. Algo que poderia se tornar um prazer movido pelo hábito torna-se uma necessidade obrigatória. Isso se reflete nas escolas, diante dos estudos literários para vestibular. Contudo, se as crianças são agentes férteis de atuação no campo da literatura, que ações ou práticas podem ser desenvolvidas no sentido de transformar a leitura como projeto de futuro?

Um exemplo de ações que trabalham sobre esse horizonte de fomentar o papel receptivo e oportuno da primeira infância no campo da leitura é o programa Lê no Ninho realizado na Biblioteca de São Paulo (BSP) e Biblioteca Parque Villa-Lobos (BVL).

Chamado Bebelê inicialmente, o projeto foi implementado em setembro de 2012, passou por readequação em 2015 e em dezembro de 2016 foi implementado em dez bibliotecas no estado de São Paulo. Lê no Ninho, então, prevê uma atividade realizada com crianças de 6 meses a 4 anos de idade, com o objetivo de promover encontro afetivo entre pais, cuidadores e responsáveis com o objeto de trabalho livro.

Durante a atividade, a presença do cuidador é fundamental. Dessa forma, fortalece-se o vínculo afetivo e emocional por meio da literatura. Música, fantoches e livros nos mais variados formatos são disponibilizados aos pequenos, segundo depoimento de uma das mediadoras. Ademais, a oportunidade de se estar em um local com livros junto com os pais, uma vez que a própria criança é a protagonista, resulta positivamente. Ela desenvolve autonomia, passa a pegar livro sozinha, frequenta contações e constrói-se num universo ligado ao livro.

São quatro as prerrogativas do projeto Lê no Ninho:

1. Aproximação das crianças às expressões culturais;
2. Vínculos afetivos: estímulo a adultos para que leiam para as crianças fortalecendo a aproximação;

3. Atitudes inspiradoras: atitude leitura inspira quem está próximo;
4. Qualidade de conteúdo: o conteúdo lido é importante para o desenvolvimento e entendimento do mundo.

O programa se apoia no Manifesto Universal publicado pela Unesco, que inclui, entre as doze missões-chave da biblioteca pública, a de “Criar e fortalecer os hábitos de leitura nas crianças desde a tenra idade” (UNESCO, 1995, tradução nossa).

Ler para as crianças pode trazer uma série de pontos positivos, destaca o conteúdo do material interno do próprio projeto Lê no Ninho, entre eles: entreter, trabalhar a criatividade, torná-las mais independentes, o fato de fazer bem para a família, fortalecer o vínculo com elas, a criação de um espaço de qualidade.

Ações como essas nos apontam caminhos do processo de formação leitora, conforme compreendemos o acesso a livros como direito à construção de um mundo com menos desigualdades, conforme nos explica Reyes (2010, p. 16):

Se todos passamos pela infância e se está demonstrado que o que se constrói nesses anos implica qualidade de vida, oportunidades educativas e, por consequência, desenvolvimento individual e social de cada indivíduo, “oferecer leitura” às crianças menores pode contribuir com a construção de um mundo mais equitativo, propiciando a todos as mesmas oportunidades de acesso ao conhecimento e à expressividade desde o começo da vida.

Trabalhar a primeira infância usando o livro com agente é formar uma sociedade leitora, capaz de contribuir com seu cabedal crítico para o desenvolvimento econômico e humano, insiste Reyes (2010, p. 20):

Levando em conta que a qualidade da intervenção durante a primeira infância não só afeta o âmbito da vida privada como também reflete o progresso econômico e social, os governos e setores educativos começaram a tomar consciência sobre a necessidade de abordar o assunto a partir do marco político, como condição imprescindível para garantir equidade de oportunidades desde o começo da vida, especialmente de países em desenvolvimento.

Ao fazer um rabisco e identificar aquilo como um “au au”, ou seja, um cachorro, a criança demonstra que entende a questão dos símbolos e significados e passa a dar forma àquilo que está no seu imaginário. Diante disso, num mundo bombardeado por avanços tecnológicos que inevitavelmente influenciam as crianças, o contato humano está sendo substituído pela máquina. É importante dar espaço à palavra.

No livro *Um mundo aberto: Cultura e primeira infância*, de María Emilia López, a autora nos relata:

... o número de palavras que um ser humano da primeira geração videoeletrônica usa, indica Berardi, está próximo de 65, comparado com as 2.000 que um coetâneo seu, vinte anos atrás, usava. Isso representa que a palavra e a oralidade perdem cada vez mais terreno na sociedade. Não raro já vemos crianças medicalizadas por hiperatividade, aumento de agressividade e depressão devido ao bombardeio e exposição massiva às informações de forma rápida e invasiva. (...) qualquer pessoa que, por se dedicar ao ensino, trabalhe com crianças sabe que os tempos de concentração em um objeto mental tendem a ser progressivamente reduzidos. A mente imediatamente tenta se deslocar, encontrar um outro objeto. (LÓPEZ, 2018, p. 31.)

Um dos grandes dilemas da atualidade é como encontrar o equilíbrio para que tecnologia e leitura caminhem juntas, cada uma a seu tempo, sem que nenhuma se sobreponha à outra. Diante do volume de informações em alta velocidade e baixo número de caracteres, como concentrarmos e trazemos as crianças para esse universo do tempo e da respiração das palavras?

Uma das alternativas apontada no *Dossier Cerlac. Primera infancia* seria trabalhar com as crianças conteúdos digitais de forma mediada, com tempo controlado e evitando exposição em períodos próximos ao sono. É necessário, segundo o dossiê, entendermos a importância da tecnologia, aprendendo as funcionalidades do aparelho, manejando ferramentas importantes para o dia a dia, lendo e escutando o texto em vários idiomas (PANCHE, 2017).

Por isso, muito além do divertimento, a literatura possui impacto significativo no desenvolvimento humano, emocional e psicológico, já que a criança constrói significados próprios e os recria adentrando o mundo da narração, do conto e da poesia. Desse modo, esse ser desenvolve habilidades e competências essenciais para sua formação.

Segundo depoimento de um pai que leva a filha de 4 anos ao programa Lê no Ninho, a atividade possibilitou aumentar o repertório criativo da filha. Ele procura levá-la sempre que possível, e após a participação, em casa, ela dramatiza as contações, lembra do que foi contado, das imagens e interpreta o que ouviu para os pais em casa.

Recentemente, essa menina fez aniversário e, como o pai a leva sempre à biblioteca, ele criou uma *story* no aplicativo de fotos Instagram. Descobriu, depois, que 60% das fotos são na Biblioteca Parque Villa-Lobos. Inclusive, neste aniversário, a maior parte dos presentes da filha foram livros. Os pais enfatizam que levam a filha à biblioteca não como um programa extraordinário, mas sim como algo que faz parte da rotina.

Ponto final?

Neste trabalho, a partir de pesquisas, bases de dados e experiências concretas, analisamos o Brasil como um país que pouco lê livros. A julgar pela realidade nacional e, também, especificamente da cidade de São Paulo, o panorama não é muito promissor. Apesar de um aumento gradual do percentual de leitores no país, conceitos tais quais o analfabetismo funcional apontam que esse avanço acontece em termos qualitativos duvidosos.

Somando-se a isso, as crianças brasileiras leem pouco. Descobrimos, ao longo destas páginas, que uma figura familiar correlata à da mãe cumpre função determinante neste desenvolvimento. Mães leitoras tendem a influenciar crianças leitoras. Nesse sentido, o projeto Lê no Ninho, realizado na Biblioteca de São Paulo e na Biblioteca Parque Villa-Lobos, aponta uma linha-guia, levando em consideração o papel mediador a cargo dos pais ou responsáveis.

A conclusão da pesquisa estadunidense *Kids and Family* corrobora os conceitos utilizados pelo projeto Lê no Ninho, que também utiliza recursos lúdicos e a participação afetiva de pais e/ou responsáveis, mas, no caso, no ambiente público de uma biblioteca. Uma vez que nesse projeto brasileiro a ligação entre leitores e leituras é mais participativa, a faixa etária dos participantes é também mais ampla. Desse modo, acolhem-se crianças que ainda não sabem ler, e que, portanto, se encaixam perfeitamente na abordagem da leitura em voz alta, interagindo com os acompanhantes e o narrador de histórias.

Quando perguntados sobre o que representa uma biblioteca, na pesquisa *Retratos da Leitura*, 71% dos entrevistados associam o espaço a lugar de pesquisa e estudo. É importante refletirmos sobre a importância de mudarmos essa percepção e sua base real, de modo que as bibliotecas sejam centros culturais e de troca de conhecimento.

Por meio da aproximação afetiva entre cuidadores e crianças utilizando o livro, contação de história e outros mecanismos, incentivam-se mães, pais e filhos a lerem juntos. Mas como atingir públicos que, por razões múltiplas, não acessam o programa, ou, ainda, o que fazer quando a figura materna não faz parte da formação familiar?

Como sabemos, hoje em dia as composições familiares muitas vezes não possuem a figura materna no sentido da mulher em termos de identidade de gênero. Há famílias com pais transgênero, com dois pais homens cisgênero, com duas mães mulheres cisgênero, entre outras composições. Por isso, mais do que um foco exclusivo na figura da mãe nestes termos, é importante focalizarmos as figuras tutoras familiares, influenciadoras da leitura.

Uma das possibilidades é realizar ações extramuros, saindo do espaço institucional e colocando-se próximo ao público que não frequenta as bibliotecas, por exemplo, nas comunidades. Na Biblioteca de São Paulo, o programa Lê no Ninho é realizado aos domingos no Parque da Juventude, ao lado de fora. É necessário promover parceria com instituições de saúde e educação, como forma de construção de trabalho conjunto. Além disso, inscrever projetos e iniciativas como Lê no Ninho em editais, ampliando o campo de alcance do projeto é também essencial, como ocorreu recentemente, de modo a atingir outras bibliotecas do Estado ou comunitárias.

O afastamento social em virtude da pandemia de Covid-19 colocou o programa Lê no Ninho, realizado até então presencialmente, no ambiente virtual. Desse modo, se está instruindo pais, cuidadores e responsáveis a realizarem as ações em casa. Isso viabiliza novos acessos, transpõe barreiras regionais e de acessibilidade. Por outro lado, não atinge grande parcela da população excluída digitalmente. Por isso é importante continuar a pensar na diversidade de públicos e suas especificidades.

Clara está, após a presente exposição, a importância para nós, gestores culturais e trabalhadores da cultura, da formação de leitores como pilar basilar de atividades ligadas ao livro e à leitura. Aquisições e acesso à biblioteca são também importantes mas, como pudemos ler, a formação do hábito não é algo natural, pelo contrário, prevê formulação teórica e elaboração material. Não podemos aceitar o fato de 70% da população paulistana não gostar ou não querer ler, em plena sociedade tecnológica em que a leitura, de uma maneira ou de outra, está presente.

Promover a formação leitora é suscitar a autoemancipação do indivíduo, permitindo-lhe dar conta das escolhas possíveis e daquelas imagináveis. A partir daí, com o conhecimento oriundo do hábito, será possível seguir coletivamente, com outros leitores senhores dessa ferramenta de transformação de palavras, histórias e vidas.

REFERÊNCIAS

- BIENAL Internacional do Livro de SP. WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3ojq3lm>>. Acesso em: 1 abr. 2019.
- CBL – Câmara Brasileira do Livro. “A nossa missão”. CBL (site). Disponível em: <<https://bit.ly/37xMtIP>>. Acesso em: 2 abr. de 2019.
- FLIP – Festa Literária Internacional de Paraty. “Confira os números consolidados da Flip 2017”. _____. *Notícias – balanço* (arquivo). Disponível em: <<https://bit.ly/30a5lLd>>. Acesso em: 7 abr. 2019.
- IPL – Instituto Pró-Livro. *Retratos da leitura no Brasil – 4ª Edição*. São Paulo: IPL, 2015. Disponível em: <<https://bit.ly/2ECbR5R>>. Acesso em: 17 abr. 2019.
- LÊ NO NINHO. *O guia da leitura no ninho: material de apoio às sessões do programa Lê no Ninho*. São Paulo: Lê no Ninho / SCECSP, 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/2I6Jqyu>>. Acesso em: 29 abr. 2019.
- LIMA, Ana; CATELLI JR. Roberto. *Indicador de Alfabetismo Funcional: Inaf Brasil 2018*. São Paulo: Ação Educativa / Instituto Paulo Montenegro. Disponível em: <<https://bit.ly/33aR1UJ>>. Acesso em: 29 abr. 2019.
- LÓPEZ, María Emilia. *Um mundo aberto: cultura e primeira infância*. Trad. Cícero Oliveira. São Paulo: Selo Emília, 2018.
- PANCHE, Lorena. *Dosier CERLALC. Primera infancia: Bebés lectores. ¿Cómo leen los que aún no leen?* Bogotá: Cerlac/Fundación SM, 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3idvqvq>>. Acesso em: 26 abr. 2019.
- PESQUISA detalha distribuição das livrarias no país. *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 ago. 2014. Disponível em: <<https://glo.bo/337n7Ax>>. Acesso em: 15 de mar. 2019.
- REDE Nossa São Paulo. *Viver em São Paulo: Cultura na Cidade*. São Paulo: Rede Nossa São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/37z1BZ2>>. Acesso em: 16 abr. 2019.
- REYES, Yolanda. *A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância*. São Paulo: Global, 2010.
- SCHOLASTIC. *Kids and Family Reading Report. 7th Edition: The Rise of Read-Aloud*. [s.l.] Scholastic, 2019. Disponível em: <<https://bit.ly/3kQZ8vA>>. Acesso em: 17 abr. 2019.
- SISEB/SP – Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas de São Paulo. “Lê no ninho – Biblioteca Parque Villa-Lobos”. Vídeo. Disponível em: <<https://youtu.be/6pXnC2mWkRY>>.
- UNESCO. “Manifest de la UNESCO de la Biblioteca Pública 1994”. *Métodos de Información*, Valência, v. 2, n. 6-7, pp. 57-8, jul.-set. 1995. Disponível em: <<https://bit.ly/3g9d5Uc>>. Acesso em: 22 abr. 2019.
- VIEIRA, Edilson. “Crise das livrarias Cultura e Saraiva é apenas a ponta do iceberg’, diz livreiro”. *Jornal do Commercio*, Recife, 18 nov. 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/335v2yg>>. Acesso em: 4 abr. 2019.